

**UM CONCEITO E O SEU TEMPO:  
UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA SOBRE GÊNEROS DO DISCURSO**

**A CONCEPT AND ITS TIME:  
A BRIEF LITERATURE REVIEW ON SPEECH GENRES**

Otalmir da Rocha Gomes Júnior<sup>1</sup>

Claudia Vivien Carvalho de Oliveira Soares<sup>2</sup>

**Resumo:** *O presente trabalho tem por objetivo discutir a constituição complexa do conceito de gênero no cenário educacional e acadêmico brasileiro. Faz para tal uma breve revisão de literatura sobre o conceito de gênero ("um conceito que encontrou o seu tempo") nas suas dimensões literária e linguística, discursiva e textual (MARCHUSCHI, 2008, 2011; ROJO, 2005, 2008, 2015); detêm-se nas contribuições de Bakhtin sobre o tema e a sua perspectiva dialógica da linguagem (FARACO, 2009; RODRIGUES, 2005; SILVA, 2013) e procura apontar para o caráter instrumental do conceito (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004) ao mesmo tempo que para sua natureza cultural (MACHADO, 2013).*

**Palavras-chave:** *gênero; instrumentalidade; culturalidade.*

**Abstract:** *This essay aims to discuss the complex constitution of the concept of genre in the Brazilian educational and academic settings. It makes, for such, a brief literature review on the concept of genre ( " a concept that has found its time " ) in its literary and linguistic , discursive and textual dimensions ( MARCHUSCHI , 2008 , 2011; ROJO , 2005 , 2008 , 2015 ) ; holding on Bakhtin's contributions on the subject and his dialogic perspective of language ( FARACO , 2009; RODRIGUES, 2005; SILVA, 2013) and pointing to the instrumental character of the concept ( SCHNEUWLY and DOLZ , 2004) as well as to its cultural nature ( MACHADO, 2013) .*

**Keywords:** *genre; instrumentality; culturality.*

## **Introdução**

Há, pelo menos, vinte anos entre nós (se considerarmos que em 2016 completam-se 20 anos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, um dos grandes propagadores da ideia no país), o conceito de gêneros discursivos (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 1929[2009]; BAKHTIN, 1952-1953 [2003]) tem sido ampla e vastamente pesquisado pela comunidade científica brasileira ao longo das últimas décadas. Neste trabalho, procuramos fazer uma pequena seleção dentre alguns dos mais influentes leitores (e comentadores) da obra de Bakhtin (e do

---

<sup>1</sup> Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano). Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Trancoso, Brasil, e-mail: [otalmir.gomes@urucuca.ifbaiano.edu.br](mailto:otalmir.gomes@urucuca.ifbaiano.edu.br)

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Vitória da Conquista, Brasil, e-mail: [claudiaviven@icloud.com](mailto:claudiaviven@icloud.com)

Círculo) no Brasil a fim de traçar um quadro suficientemente claro da gigantesca área de pesquisa em que o estudo do conceito de gêneros discursivos se tornou.

Procuramos fazer uma revisão de literatura que nos ajude a compreender, nas palavras de Rojo (2008, p.75), “a constituição complexa e recente do conceito de gênero na perspectiva transdisciplinar da Linguística Aplicada no campo do ensino de línguas” no Brasil. São dois os objetivos principais deste trabalho: 1) definir as dimensões principais do conceito a partir das contribuições de Bakhtin (e do Círculo) e sua perspectiva dialógica da linguagem; 2) apontar para o caráter instrumental do conceito bem como para a sua natureza cultural.

O conceito de gênero tem sido utilizado há milênios se considerarmos que a reflexão sobre tal conceito começou na Grécia Antiga com Platão e Aristóteles. Pensando sobre poética e retórica, estes filósofos começaram a distinguir os gêneros. Depois deles, através da idade média e idade moderna, muitos outros pensadores dedicaram-se à noção de gênero. Neste texto, desenvolvido no contexto de uma pesquisa de mestrado<sup>3</sup>, no entanto, trataremos do conceito de gênero a partir do pensamento de Bakhtin (e do Círculo). Como nos aponta Rojo (2015, p. 38), “Bakhtin foi o primeiro autor a estender a reflexão sobre os gêneros a todos os textos e discursos sem distinção ou divisão, tanto da vida cotidiana como da arte”. Para Schneuwly (1994/2004, p.23), “a noção de gênero encontrou, provavelmente pela primeira vez, uma extensão considerável na obra de Bakhtin”.

A construção do conceito de gênero se dá ao longo de praticamente toda a obra de Bakhtin (e de seu Círculo). *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1924), *O problema do enunciado* (1929), *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), *O problema da poética em Dostoiévski* (1929) e *O problema dos gêneros do discurso* (1952-1953) são as principais referências no tratamento do tema. Enfocaremos, neste estudo introdutório sobre o conceito de gênero, valendo-nos de alguns influentes estudiosos de Bakhtin no Brasil, a constituição do conceito em duas destas obras: *Marxismo e filosofia da linguagem* de 1929 marca o estágio ainda inicial do tratamento do tema, que será desenvolvido e reaparece na forma de ensaio autônomo *O problema dos gêneros do discurso* em 1952-1953 (na versão em português, intitulado como *Os gêneros do discurso*).

---

<sup>3</sup> Gêneros como megainstrumentos no ensino de *linguacultura* é o título da dissertação do mestrado em letras, da qual este trabalho faz parte, defendida em abril de 2016, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Vivien Carvalho de Oliveira Soares (PPGCEL/UESB). Grato a CAPES pela concessão da bolsa.

## 1 Gênero: “um conceito que encontrou sua época”

Este trabalho nasceu de um primeiro recorte teórico que procedemos no contexto da nossa pesquisa de mestrado. Trata-se de uma primeira tentativa no sentido de sistematizar algumas leituras que vínhamos partilhando. Não se trata de um artigo científico propriamente, mas de um ensaio acadêmico, um levantamento preliminar de algumas referências teóricas na discussão sobre o conceito de gênero no Brasil. Partimos de uma mesma afirmação sobre gênero que encontramos em dois dos autores que revisaremos neste trabalho. Tanto Marchuschi (2008) quanto Rojo (2008) referenciam Bhatia (1997) que, por sua vez, a toma de um prefácio de Candlin (1993). “Um conceito que encontrou sua época.” Tal afirmação nos leva, imediatamente, a uma subsequente questão: o que tem esse conceito para ser tão recorrente nos trabalhos recentes?

O que tem esse termo, e a área de estudos que ela representa, para atrair tanta atenção? O que lhe permite agrupar sob o mesmo guarda-chuva terminológico críticos literários, retóricos, sociólogos, cientistas cognitivistas, especialistas em tradução automática, linguistas computacionais e analistas do discurso, especialistas em inglês para fins específicos e professores de língua (CANDLIN, 1993 *apud* ROJO, 2008, p.76)?

Neste trabalho, em que procuramos dimensionar o conceito de gênero, bem como discutir o seu ‘caráter instrumental’ e a sua ‘natureza cultural’, tentaremos, ainda que parcialmente, responder à pergunta de Rojo (2008, p. 75): “como e por que o contexto da educação linguística no mundo, mas, especialmente, no Brasil, veio a convocar para si o conceito de gênero, e que outras facetas transdisciplinares participam dessa convocação”.

Antes de responder tal questão, propomo-nos, em primeiro momento, a revisar o conceito de gênero em suas diferentes dimensões, a saber, literário e linguístico; discursivo e textual; em segundo momento, procuramos deter-nos brevemente no legado de Bakhtin – a sua perspectiva dialógica da linguagem e a constituição do conceito de gêneros do discurso em duas de suas mais emblemáticas obras.

### 1.1 Literário e linguístico

Literário ou linguístico? Literário e linguístico. Como alerta Marchuschi (2008), uma dificuldade natural no tratamento do tema é, justamente, a abundância e diversidade de fontes

e perspectivas de análise. O estudo dos gêneros não é novo e, e no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação se iniciou em Platão; com Aristóteles (na Arte Poética e na Arte Retórica) surge um estudo mais sistemático sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso, e é a partir daí que se consolida, em linhas gerais, a base teórica que até hoje orienta a análise de tudo o que se entende como gênero. A expressão “gênero” tem estado, desta forma, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários (e retóricos).

Atualmente, no entanto, a noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura, “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (SWALES, 1990, p. 33 *apud* MARCHUSCHI, 2008, p. 147). Ou seja, o que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema. Fala-se, contemporaneamente, em gêneros linguísticos em oposição aos gêneros literários tradicionais. Marchuschi (2008, p. 148, 149) chama a atenção para o fato que o estudo dos gêneros está em voga, mas numa perspectiva diferente da aristotélica: “da Escola de Sidney à de Genebra, da nova retórica à abordagem sistêmico-funcional, da linguística de corpus à reflexão bakhtiniana, gêneros têm sido objeto de reflexão de numerosas escolas e vertentes teóricas”. Assim, a expressão gênero vem sendo atualmente usada de maneira cada vez mais frequente e em um número cada vez maior de áreas de investigação.

## 1.2 Discursivo e textual

Discursivo ou textual? Discursivo e textual. Pode-se constatar aqui que a própria variação terminológica reflete duas vertentes, na expressão de Rojo (2005, p. 185), “metateoricamente” diferentes. A primeira – teoria dos gêneros do discurso – centra-se, sobretudo, no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos, e a segunda - teoria dos gêneros de texto -, na descrição da materialidade textual.

Na realidade, de acordo com Marchuschi (2011, p. 18), “o estudo dos gêneros é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais”. Neste sentido, segundo o autor, há muito a discutir e tentar distinguir as ideias de que gênero é uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma ação retórica. Certamente, gênero pode ser tudo isso ao mesmo tempo, já que, em certo sentido, cada um desses indicadores pode ser tido

como um aspecto da observação. A análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso, uma descrição da língua e uma visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral (MARCHUSCHI, 2008).

### 1.3 A perspectiva dialógica da linguagem

A noção de gêneros do discurso popularizou-se enormemente no Brasil com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio, que teve início no final da década de 90, e desdobrou-se em atualizações e ampliações, na primeira década do nosso século (SILVA, 2013). Como aponta Rodrigues (2005, p. 152), “ganhou força a concepção de que o ensino/aprendizado das práticas escolarizadas da linguagem tenha os gêneros do discurso como objeto de ensino e abriu-se um novo diálogo, agora no centro das discussões, além das noções de interação verbal e dialogismo, a noção dos gêneros do discurso”. Importantes teóricos do campo da linguística reconhecem que a noção de gêneros que embasa os documentos oficiais está em consonância com a ideia de interação autor-texto-leitor. Há, nos próprios PCNs, referência explícita à interação verbal proposta por Bakhtin (Volochínov) e à noção de gêneros segundo Bakhtin. A filosofia da linguagem do Círculo não recebe, no entanto, nesses documentos, maior detalhamento (SILVA, 2013).

Para Rodrigues (2005) apresentar os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem exige duas considerações prévias: a primeira diz respeito à flutuação terminológica existente na obra do Círculo, que também se reflete no caso dos gêneros; a segunda é que para apresentar a noção de gêneros do discurso na perspectiva do Círculo de Bakhtin é necessário apreender o lugar e papel centrais da noção de gênero no conjunto de suas formulações, ou seja, compreender a noção de gêneros a partir de fundamentos nucleares como a *concepção sócio-histórica e ideológica da linguagem, o caráter sócio-histórico, ideológico e semiótico da consciência e a realidade dialógica da linguagem e da consciência*; portanto, não dissociá-las das noções de *interação verbal, comunicação discursiva, língua, discurso, texto, enunciado e atividade humana*, pois somente na relação com esses conceitos pode-se apreender, sem reduzir, a noção de gêneros.

#### 1.4 Os gêneros do discurso em Bakhtin

Passamos a examinar a constituição do conceito em dois momentos distintos da obra de Bakhtin. O primeiro na obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, de 1929. Segundo Rojo (2015), nesta obra Bakhtin (Volochínov) estende o conceito de gênero – ainda hesitando em nomeá-lo como tal – a todas as produções discursivas humanas e não somente ao campo da arte literária e da oratória pública. A palavra gênero aparece na obra apenas quatro vezes: duas vezes empregada no sentido tradicional de gêneros literários e poéticos e outras duas vezes com o novo sentido com que o Círculo dotará o conceito. Vejamos a citação em que a palavra “gênero” aparece duas vezes:

Mais tarde, em conexão com o problema da enunciação e do diálogo, abordaremos também o problema dos gêneros linguísticos. A este respeito faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 44).

Nesta obra seminal, de acordo com Rojo (2015), a palavra “gênero” é primeiramente qualificada de “linguístico” (que, nesse texto, opõe-se a “literário” ou “poético”), isto é, expande para a vida o que antes se restringia à arte. Em segundo lugar, em outras partes, equaciona-se a *forma de discurso (social)*, *forma da enunciação* e subordina-se a *interação verbal* às *formas da comunicação (verbal/socioideológica)*. Assim *gênero dá forma*, sim, mas a *um discurso*, a *uma enunciação*. Isso porque o interessa aos autores é o tema ou a significação das enunciações, dos discursos viabilizados pelos textos e enunciados, ou seja, a significação/tema prenhe da *ideologia* e da *valoração*, único fim de um enunciado vivo. Por isso, *forma de discurso*, de *enunciação*. E não *forma de texto*, de *enunciado*. Por isso também, depois, gêneros *discursivos ou de discurso* e não de *texto/textuais*. Para Rojo (2015, p. 42), “o que interessa nessa abordagem são os *efeitos de sentido discursivos*, os *ecos ideológicos*, as *vozes* e as *apreciações de valor* que o sujeito do discurso faz por meio dos enunciados/textos em certos gêneros que lhe viabilizam certas escolhas linguísticas.”, razão pela qual os gêneros são estudados. Não importa tanto as formas linguísticas ou a dos textos em si, para relacioná-las aos contextos, mas o desenvolvimento do tema e da significação. Por isso, os bakhtinianos

referem-se aos gêneros como *gêneros do discurso* e não como *gêneros de texto* (ROJO, 2015).

O segundo momento é o ensaio *O problema dos gêneros do discurso*, de 1952-53. Segundo Faraco (2009), trata-se claramente um fragmento de texto, o que leva os estudiosos a afirmarem ser provavelmente a parte inicial de um livro a que o autor pretendia se dedicar, retomando com mais detalhes questões levantadas brevemente nos textos do Círculo da segunda metade de 1920. Reproduziremos aqui aquele que possivelmente seja um dos trechos mais citados da referida obra:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional [...] estão indissociavelmente ligados no todo do enunciado. [...] Evidentemente, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN 2003 [1952-1953], p. 279).

Conforme Faraco (2009, p. 124), Bakhtin discute nessa obra “caminhos para um estudo da linguagem como atividade sociointeracional e aponta algumas características da unidade deste estudo (o enunciado) em contraste com a unidade tradicional dos estudos linguísticos (a sentença)”. O texto de Bakhtin divide-se em duas partes: na primeira, faz uma introdução geral do tema, conceitua gênero do discurso, distingue gêneros primários e secundários e correlaciona estilo e gênero; na segunda, discute longamente sobre o conceito de enunciado, como unidade da comunicação socioverbal, em contraste com o da sentença, como unidade da língua entendida como sistema gramatical abstrato. O estudo do enunciado como *a unidade real da comunicação verbal* tornará também possível compreender mais adequadamente *a natureza das unidades da língua* (como um sistema): as palavras e as sentenças (FARACO, 2009).

“Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. Para Rojo (2015), tomado assim, isolado de seu lugar no texto, este fragmento de texto tão ubiquamente citado parece enfatizar a definição de gênero como “tipo de enunciado” e seu “caráter relativamente

estável”. No texto (1952-1953), este fragmento de enunciado vem inserido em uma discussão mais ampla sobre as “esferas de atividade humana” como espaços de “utilização da língua”. Como colocada, a definição de “gênero” fica subordinada ao funcionamento social diversificado das instituições humanas (“esferas de atividade”), para o qual é necessária a comunicação ou interação entre as pessoas, por meio da utilização da língua. Para isso servem os gêneros, em sua variedade e heterogeneidade.

Segundo Rojo (2015, p.64-65), “um olhar mais aprofundado sobre os gêneros do discurso, problemática central para o estudo do texto e do enunciado concreto, tal como preconizado por Bakhtin, não pode prescindir de um estudo sobre as esferas/campos da atividade humana”. Com base neste autor, pode-se dizer que todas as esferas de atividade humana se caracterizam como esferas de comunicação verbal, o que lhe confere sua qualidade propriamente humana. Assim, para o estudo dos gêneros, a vinculação destes com as diferentes esferas/campos de comunicação verbal que as originam e desenvolvem e a própria determinação dessas esferas pelo funcionamento social e histórico mais amplo é algo fundamental, sendo mesmo apontados como os dois primeiros passos metodológicos para a abordagem dessa problemática. Em Bakhtin (Volochínov), aparece ressaltada essa importância:

Eis por que a classificação das formas de enunciação deve se apoiar sobre uma classificação de formas da comunicação verbal. *Estas últimas são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV) 2009 [1929], p. 44, ênfase adicionada).

Uma orientação metodológica a esse respeito é afirmada na mesma obra, mais adiante:

*Disso [que a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes] decorre que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser a seguinte:*

- As formas e tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realizam.
- As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de



atos de fala [leia-se “gêneros”] na vida e criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.

- A partir daí, exames das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV) 2009 [1929], p. 128-129).

Poderíamos nos perguntar, neste ponto, sobre o que diferencia a teoria dos gêneros do Círculo de Bakhtin das teorias tradicionais, inclusive para entendermos criticamente a apropriação pedagógica, nos termos de Faraco (2009), “epidêmica” de seu conceitual nos últimos anos. Segundo Rodrigues (2005), é como problematizador e interlocutor produtivo que podemos situar o Círculo de Bakhtin na Linguística Aplicada, pois as suas ideias têm impulsionado as discussões teóricas e os desenvolvimentos pedagógicos na área de ensino de línguas a partir de meados da década de 80. As concepções bakhtinianas vão ao encontro das discussões teóricas da área, mesmo que o foco central de atenção do Círculo não tenha sido o ensino/aprendizagem de línguas. Apesar disso, segundo a autora, há em seus textos considerações a respeito da temática que surpreendem pela contemporaneidade ao questionar o ensino de língua estrangeira (e materna) a partir da língua como sistema.

Em suma, um método eficaz e correto de ensino prático [ensino de línguas estrangeiras vivas] exige que a forma seja assimilada não no sistema abstrato da língua, i. é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas na estrutura concreta da enunciação [enunciado concreto], como um signo flexível e variável (BAKHTIN(VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 98).

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas [enunciados concretos] que nós mesmos ouvimos e que nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações [enunciados] e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, i. é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa convivência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (por que falamos em enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas) (BAKHTIN, 2003 [1952-1953] p. 302).

Para encerrar a primeira metade deste trabalho em que tentamos orquestrar diferentes vozes a enunciar sobre os gêneros discursivos, gostaríamos de apontar para o ‘caráter instrumental’ do conceito bem como para a sua ‘natureza cultural’ (por paradoxal que possa

soar a expressão!). Desejamos, desta forma, propor, na segunda metade do texto, duas discussões principais no sentido de tentar responder a nossa questão de pesquisa: “como e por que o contexto da educação linguística no mundo, mas, especialmente, no Brasil, veio a convocar para si o conceito de gênero, e que outras facetas transdisciplinares participam dessa convocação”.

## 2 A instrumentalidade e a culturalidade do conceito de gênero

Entendemos que a grande aceitação e penetração do conceito de gênero (na perspectiva de Bakhtin) no cenário educacional contemporâneo se devem, em grande medida, justamente ao caráter ‘instrumental’ do conceito bem como a sua natureza ‘cultural’. De certa forma, acreditamos que uma e outra coisa respondem a como e a por que a educação linguística no Brasil (e no mundo) ter convocado para si tal conceito. Passamos, assim, a enunciar em termos da (mega)instrumentalidade e da (trans)culturalidade do conceito.

São duas as asserções sobre o conceito de gênero no contexto de nossa pesquisa: 1) Os gêneros são instrumentos no (para) o ensino de *linguacultura*; 2) Um gênero é um artefato cultural. Queremos em termos práticos sugerir que material didático baseado em um gênero específico pode constituir-se em alternativa ao livro didático, por exemplo; e que ensinar um gênero é, em última análise, ensinar cultura.

Encontramos em Schneuwly e Dolz (1994/2004), em suas referências a Bakhtin, o conceito de ‘megainstrumento’ e nas teorizações de Machado (2005) sobre o pensamento do autor as noções de ‘emergência da prosa/processo de prosificação da cultura’, de ‘grande tempo da cultura’ e de ‘cronotopo’. Procuraremos revisá-los nas páginas seguintes por nos parecerem especialmente pertinentes ao escopo da pesquisa de mestrado em questão.

### 2.1 A (mega)instrumentalidade do conceito de gênero

Encontramos na abordagem da Equipe de Didática de Línguas da Universidade de Genebra o conceito de “megainstrumento”. Desejamos revisitá-lo ao longo dos escritos de Schneuwly (1994/2004) e Schneuwly e Dolz (1997/2004). Vamos encontrar a proposição: “o gênero é um instrumento” em Schneuwly (1994/2004, p. 20) que cita uma passagem de *A ideologia alemã* de Marx e Engels para introduzir seu pensamento: “A apropriação não é senão o desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção. A apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é o

desenvolvimento de uma totalidade de capacidades nos próprios indivíduos”. Duas considerações psicológicas devem ser lembradas, segundo Schneuwly (1994/2004), para explicar como o instrumento pode ser um fator de desenvolvimento das capacidades individuais:

- A tripolaridade da atividade

A psicologia concebe a atividade do indivíduo como acontecendo entre dois pólos: o sujeito e o objeto sobre o qual ele age ou a situação na qual ele age. Na perspectiva do interacionismo social, a atividade é necessariamente concebida como tripolar: a ação é mediada por objetos específicos, socialmente elaborados, frutos das experiências de gerações precedentes, através dos quais se transmitem e se alargam experiências possíveis. Os instrumentos encontram-se entre o indivíduo que age e objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age: eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é levado a agir. A intervenção do instrumento – objeto socialmente elaborado – nessa estrutura diferenciada dá à atividade certa forma; a transformação do instrumento transforma evidentemente as maneiras de nos comportarmos numa situação. Um instrumento media uma atividade, dá-lhe certa forma, mas esse mesmo instrumento representa também essa atividade, materializa-a. As atividades não mais se presentificam somente em sua execução. Elas existem, de certa maneira, independentemente desta, nos instrumentos que as representam e, logo, significam-nas (SCHNEUWLY, 1994/2004).

- A bipolaridade do instrumento

Ao analisar mais detalhadamente o instrumento mediador, o sujeito concebe-o como tendo duas faces: por um lado, há o artefato material ou simbólico, isto é o produto material existente fora do sujeito, materializando, por sua própria forma, as operações que tornam possíveis os fins aos quais o instrumento é destinado; por um outro lado – o do sujeito - , há os esquemas de utilização do objeto que articulam suas possibilidades às situações de ação. O instrumento para tornar-se mediador, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização. Esses esquemas de utilização são plurifuncionais: por

meio deles, o instrumento faz ver o mundo de certa maneira. Ele define classes de ações possíveis, através das finalidades que se podem atingir graças a ele; ele guia e controla a ação durante o próprio desenvolvimento (SCHNEUWLY, 1994/2004).

Schneuwly (1994/2004) resume da seguinte maneira a posição de Bakhtin: 1) cada esfera de troca social elabora tipos relativamente estáveis de enunciação: os gêneros; 2) três elementos os caracterizam: conteúdo temático, estilo e construção composicional; 3) a escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor.

Schneuwly (1994/2004) complementa e desenvolve a analogia estabelecida: há visivelmente um sujeito, o locutor-enunciador, que age discursivamente (falar/escrever), numa situação definida por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento que aqui é um gênero, um instrumento semiótico complexo, isto é, uma forma de linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos. “Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos; se tivéssemos que criá-los pela primeira vez no processo da fala; se tivéssemos que construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (Bakhtin 1952-1953/2003, p.302).” A escolha do gênero se faz em função da definição dos parâmetros da situação que guiam a ação. Há, pois, aqui uma relação entre meio-fim, que é a estrutura de base da atividade mediada. Portanto, a tese inicial – o gênero é um instrumento - enquadra-se bem na concepção bakhtiniana.

Schneuwly (1994/2004, p.25) constroi uma outra metáfora: considerar o gênero um megainstrumento, “como uma configuração estabilizada de vários subsistemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também paralinguísticos), permitindo agir eficazmente numa classe bem definida de comunicações”. Pode-se, assim, compará-lo ao megainstrumento em que se constitui uma fábrica: conjunto articulado de instrumentos de produção que contribuem para a produção de objetos de certo tipo. Esse megainstrumento está inserido num sistema complexo de megainstrumentos que contribuem para a sobrevivência de uma sociedade.

Schneuwly e Dolz (1997/2004) partem da hipótese de que é através dos gêneros que as práticas de linguagem se materializam nas atividades dos aprendizes. Por seu caráter intermediário e integrador, as representações de caráter genérico das produções orais e escritas constituem uma referência fundamental para sua construção. Os gêneros constituem um ponto de comparação que situa as práticas de linguagem. Eles abrem uma porta de entrada, para estas últimas, que evita que delas se tenha uma imagem fragmentária no

momento de sua apropriação. Os gêneros podem ser considerados, segundo Bakhtin (2003/1952-1953) como instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação. Trata-se de formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem.

Conforme atestam Schneuwly e Dolz (1997/2004) a aprendizagem da linguagem se dá, precisamente, no espaço situado entre as práticas e as atividades de linguagem. Nesse lugar, produzem-se as transformações sucessivas da atividade do aprendiz, que conduzem à construção das práticas de linguagem. Por seu caráter genérico, os gêneros textuais são um termo de referência intermediário para a aprendizagem. Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode, assim, ser considerado um megainstrumento que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes.

## 2.2 A (trans)culturalidade do conceito de gênero

Encontramos, nas explicações de Machado (2005) sobre o legado de Bakhtin, três noções que nos parecem especialmente pertinentes ao escopo de nossa pesquisa.

- A emergência da prosa/processo de prosificação da cultura

Machado (2005) comenta que, ainda que o estudo dos gêneros tenha se constituído no campo da Poética e da Retórica tal como foram formulados por Aristóteles, foi no campo da literatura que o rigor da classificação aristotélica se consagrou. Prova disso é o fato de a teoria dos gêneros ter se tornado a base dos estudos literários desenvolvidas no interior da cultura letrada. A emergência da prosa passou a reivindicar outros parâmetros de análise das formas interativas que se realizam pelo discurso. Os estudos que Mikhail Bakhtin desenvolveu sobre os gêneros discursivos considerando não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo, estão inseridas no campo dessa emergência. Aqui relações interativas são processos produtivos de linguagem. Gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso de linguagem verbal ou da comunicação fundada pela palavra. A partir de Bakhtin foi possível mudar a rota dos estudos sobre os gêneros: além das formas poéticas, Bakhtin afirma a necessidade de um exame circunstanciado não apenas da retórica mas, sobretudo, das práticas prosaicas que diferentes usos da linguagem fazem do discurso,

oferecendo-o com manifestação de pluralidade. Esse é o núcleo conceitual a partir do qual as formulações sobre os gêneros discursivos distanciam-se do universo teórico da teoria clássica criando um lugar para manifestações discursivas da heteroglossia-, isto é, das diversas codificações não restritas à palavra. Graças a essa abertura conceitual é possível considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos modernos meios de comunicação de massa ou das modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o qual suas formulações convergem.

Segundo Machado (2005), as formulações sobre o dialogismo propõem uma alternativa para a *Poética* dirigindo seu alvo para uma esfera do mundo discursivo que ficara à margem tanto da retórica quanto da poética. Essa esfera corresponde ao domínio da prosa. Nele, Bakhtin, situou o universo das interações dialógicas constituído por diferentes realizações discursivas. Diferentemente dos gêneros poéticos, marcados pela fixidez, hierarquia e até por uma certa noção de purismo, os gêneros da prosa são, sobretudo, contaminações de formas pluriestilísticas: paródia, estilização, linguagem carnalizada, heteroglossia - eis as características fundamentais a partir das quais os gêneros prosaicos se organizam. Tal variedade e mobilidades discursivas promoveram a emergência da prosa e o consequente processo de prosificação da cultura. Para Bakhtin, quando se olha o mundo pela ótica da prosa, toda a cultura se prosifica.

- O grande tempo da cultura

Machado (2005, p.158-159) afirma que os gêneros discursivos são usados com finalidades comunicativas e expressivas, devem ser dimensionados como manifestação da cultura, não são espécie nem tampouco modalidade de composição, são dispositivos de organização, troca, divulgação, armazenamento, transmissão e, sobretudo, de criação de mensagens em contextos culturais específicos, são elos de uma cadeia que não apenas une com também dinamiza as relações entre pessoas ou sistemas de linguagens e não apenas entre interlocutor e receptor, não podem ser pensados fora da dimensão espaciotemporal, ou seja, todas as formas de representação que nele estão abrigadas são orientadas pelo espaço-tempo. O gênero adquire então uma existência cultural e passa a ser a expressão de um *grande tempo* das culturas e civilizações. A própria noção de contemporaneidade se enriquece à luz da concepção dialógica do tempo e das culturas. O gênero, na teoria do dialogismo, está inserido na cultura, em relação a qual se manifesta como “memória criativa” onde estão depositadas

não só as grandes conquistas das civilizações, como também as descobertas significativas sobre os homens e suas ações no tempo e no espaço.

- Cronotopo

Na cultura, tanto a experiência quanto a representação são manifestações marcadas pela temporalidade, segundo Machado (2005). O cronotopo trata das conexões essenciais de relações temporais e espaciais assimiladas artisticamente na literatura. Enquanto o espaço é social, o tempo é sempre histórico. A teoria do cronotopo nos faz entender que o gênero tem uma existência cultural, eliminando, portanto, o nascimento original e a morte definitiva. Os gêneros se constituem a partir de situações cronotópicas particulares e também recorrentes, por isso são tão antigos quanto as organizações sociais. Conforme a autora, os principais pontos da abordagem cronotópica dos gêneros são: 1) as obras, assim como todos os sistemas da cultura, são fenômenos marcados pela mobilidade no espaço e no tempo; 2) a cultura é uma unidade aberta, não um sistema fechado em suas possibilidades; 3) compreender um sistema cultural é dirigir a ele um olhar *extraposto*; 4) as possibilidades discursivas num diálogo são tão infinitas quanto as possibilidades de uso da língua, os gêneros discursivos criam elos entre os elementos heterogêneos culturais.

Particularmente de nosso interesse são as observações de Machado (2005, p. 161-162) sobre a noção de “elo numa cadeia complexamente organizada”: um pressuposto teórico que aponta para a possibilidade de verificar a propriedade das formulações de Bakhtin para se compreender os gêneros discursivos em esferas da produção de linguagem não restritas ao mundo verbal. Se em vida, Bakhtin pôde alimentar suas ideias sobre os gêneros discursivos acompanhando o florescimento da literatura, da cultura popular, do jornalismo, da publicística e do rádio, o desenvolvimento ulterior da cultura, as esferas discursivas diversificadas pelos meios da comunicação, pelos encontros e diálogos se encarregaram de redimensionar o alcance que suas formulações sobre os gêneros discursivos poderiam ter no estudo dos discursos da prosa comunicativa criada pelo filme, programa de televisão e pelos formatos digitais. Não se trata de transportar as formulações de uma área para outra, mas de reelaborar dialogicamente o pensamento. Realmente, nossa interação com o cinema, programas de televisão, formatos digitais deve muito ao conhecimento que adquirimos com a literatura, diálogos da comunicação ordinária, leitura de jornais, anúncios publicitários, canções e outros gêneros da esfera secundária. Com relação às diversas esferas da produção discursiva,

“filmes”, “programas”, “formatos” são os enunciados concretos da comunicação mediada por mídias e, portanto, gêneros discursivos da cultura prosaica.

### Considerações finais

Cabe-nos uma palavra a mais sobre a enorme responsabilidade que é lidar com tema tão complexo (e tão controvertido!) quanto à obra de Bakhtin. Em função das questões de autoria e de tradução, principalmente! Cumpre-nos esclarecer que das duas obras tratadas neste texto, uma delas é atribuída também a Volochínov. Outra consideração é que as traduções de Bakhtin para o português não aconteceram do russo diretamente, mas via francês ou inglês algumas vezes, o que, para alguns estudiosos, faz com que possamos incorrer em erros de interpretação, que nos distanciemos do pensamento original. Assumimos o risco de alguns possíveis desvios de interpretação em função das nossas escolhas dentre as traduções disponíveis. Não temos, obviamente, a pretensão de sermos definitivos, de esgotar aqui o assunto. Na verdade, entendemos tratar-se de um estudo introdutório ao conceito de gênero e ao pensamento de Bakhtin e desejamos com este trabalho abrir portas, apontar caminhos para a educação linguística neste (ainda) começo de milênio.

Frente ao desafio que é estudar conceito tão recorrente nas pesquisas educacionais das últimas décadas, procuramos, neste trabalho, uma síntese possível do que vamos chamar de “teoria dos gêneros”. Apropriamo-nos, para tanto, do pensamento de alguns estudiosos sobre o assunto, desejando, em primeira instância, dimensionar o conceito de gêneros do discurso a partir das contribuições de Bakhtin (e do Círculo); e, em segunda instância, apontar para o caráter instrumental e a natureza cultural do conceito aplicados ao ensino de línguas.

### Referências

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M.. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 277-326.

\_\_\_\_\_; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2013, p. 151-166.



MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de língua. In: MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 145-226.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZA, B.; BRITO, K. S. (orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 17-32.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 152-183.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 184-207.

\_\_\_\_\_. Gêneros de discurso/texto como objeto do ensino de línguas: um retorno ao *trivium*? In: SIGNORINI, I. (org.) **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 73-108.

\_\_\_\_\_; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. . São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 19-34.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 61-80.

SILVA, A. P. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (org.) **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 45-70.

Data de recebimento: 30 de junho de 2016.

Data de aceite: 15 de agosto de 2016.